

Kahlil Gibran



O ERRANTE

*Parábolas sobre a
insatisfação e o desencanto*

EDITORA
Claridade

O ERRANTE

Kahlil Gibran

O ERRANTE

**Parábolas sobre a insatisfação e o
desencontro**

Tradução de Ângelo Cunha de Andrade

Ilustrações de William Valeriano

EDITORA
Claridade

SÃO PAULO – 2012 – 2ª EDIÇÃO

Título original: *The Wanderer*

© *Copyright*, 2003, Editora Claridade

© *Copyright* 2012 - 2ª edição

Todos os direitos reservados.

Editora Claridade Ltda.

Rua Dionísio da Costa, 153

04117-110 São Paulo SP

Fone/fax: (11) 5575.1809

E-mail: claridade@claridade.com.br

Site: www.claridade.com.br

Preparação de originais:

Rubens Nascimento

Revisão:

Ruy Cintra Paiva

Vivian do Amaral Nunes

Revisão 2ª Edição:

Juliana Messias

Capa:

Antonio Kehl

Editoração Eletrônica:

Eduardo Seiji Seki

Dados para Catalogação

Gibran, Kahlil (1883-1931)

O errante / Tradução de Ângelo Cunha de
Andrade. Editora Claridade, São Paulo, 2003.

1. Literatura árabe I. Título II. Autor

CDD 892

SUMÁRIO

O ERRANTE

ROUPAS

EM FAMÍLIA

MELODIA DE AMOR

LÁGRIMAS E RISOS

NA QUERMESSE

DUAS PRINCESAS

O RELÂMPAGO

O EREMITA (I)

DOIS IGUAIS

A PÉROLA

CORPO E ALMA

O REI

SOBRE A AREIA

TRÊS DÁDIVAS

PAZ E GUERRA
A DANÇARINA
OS DOIS ANJOS DA GUARDA
A ESTÁTUA
A TROCA
AMOR E ÓDIO
SONHOS
O LOUCO
AS RÃS
AS LEIS E
AS LEIS IMPOSTAS
A COMPANHEIRA
O FILÓSOFO
OS CONSTRUTORES
O CAMPO DE ZAAD
O OURO
TERRA VERMELHA
A LUA CHEIA
O EREMITA (II)
O VINHO ENVELHECIDO
OS DOIS POEMAS
LADY RUTH

GATO E RATO

A MALDIÇÃO

AS ROMÃS

DEUSES

AQUELA QUE

ERA SURDA

A PROCURA

O CETRO

O CAMINHO

NA DILIGÊNCIA

PAZ CONTAGIANTE

A SOMBRA

SETENTA

NA COMPANHIA DE DEUS

O RIO

DOIS CAÇADORES

O OUTRO ERRANTE



O ERRANTE

Encontrei-o nos caminhos cruzados, ele, um homem que tinha apenas uma capa, um cajado e um véu de dor sobre o rosto. Trocamos cumprimentos e eu lhe falei: “Venha à minha casa e seja meu hóspede”.

E ele veio.

Minha mulher e meus filhos encontraram-nos à porta da casa, e ele lhes sorriu, e eles amaram a sua chegada.

Em seguida, sentamo-nos à mesa e ficamos felizes em contar com a companhia daquele homem, porque havia nele uma quietude e um mistério.

E após o jantar, reunimo-nos junto ao fogo; e eu o interroguei sobre suas andanças.

Narrou-nos muitas histórias naquela noite, bem como no dia seguinte.

Mas o que eu escrevo agora se originou da amargura de seus dias, não obstante ele mesmo fosse meigo.

E quando nos deixou, passados três dias, não sentíamos que um hóspede havia partido, mas, sim, que um de nós estava lá

fora no jardim e ainda não havia entrado.

ROUPAS

Certo dia, a Beleza e a Feiura encontraram-se numa praia. E disseram ao mesmo tempo: “Vamos entrar na água”.

Assim, tiraram as roupas e puseram-se a nadar. E, passado algum tempo, a Feiura voltou à praia e vestiu-se com as roupas da Beleza, e foi-se embora.

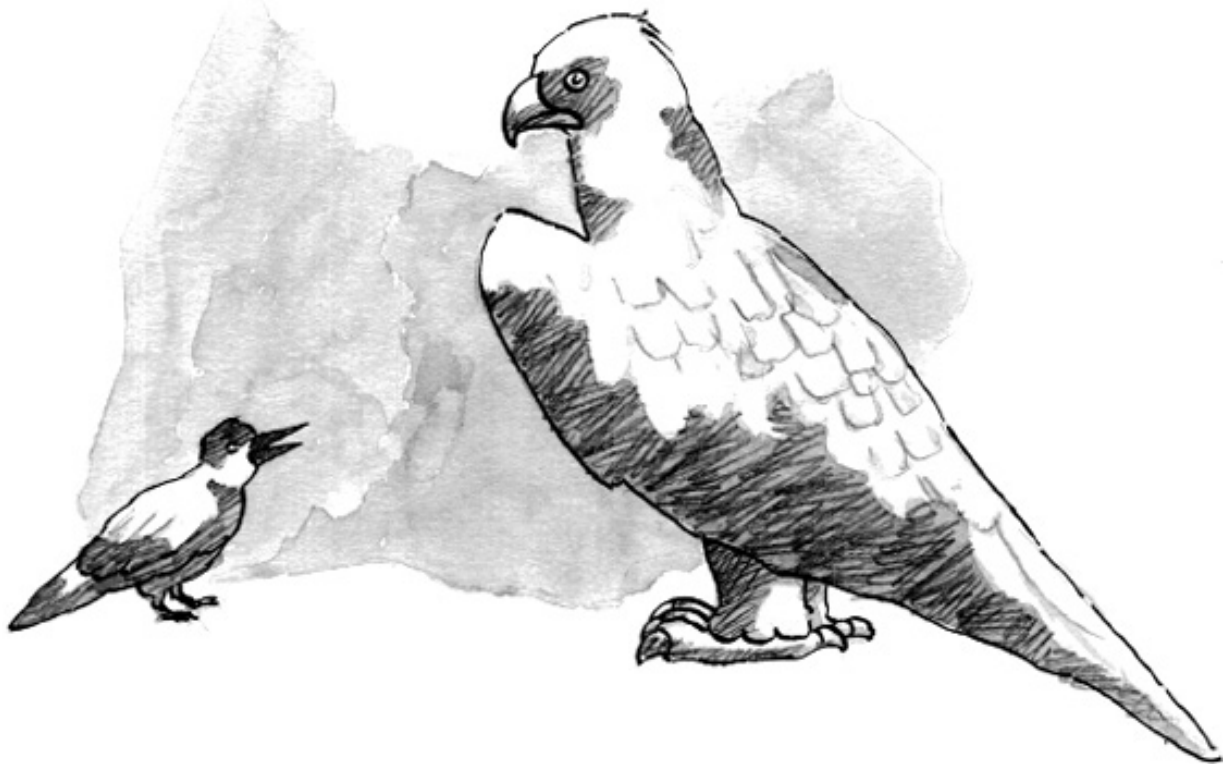
A Beleza também retornou do mar, não encontrou suas roupas e, por vergonha de ficar nua, vestiu a roupa da Feiura, e seguiu seu caminho. Desde então, alguns homens e mulheres confundem uma com a outra.

Mas há os que já tinham visto a face da Beleza e a reconheceram, apesar de sua roupa. E também há os que identificam o rosto da Feiura, e suas vestes bonitas não os enganam.

EM FAMÍLIA

Uma cotovia e uma águia encontraram-se num rochedo, situado no alto de uma montanha. A cotovia disse: “Bom dia para a Senhora”. E a águia, baixando os olhos, respondeu: “Bom dia”.

E a cotovia disse: “Espero que tudo esteja bem com a Senhora”.



“Sim”, disse a águia, “tudo está bem comigo. Mas você não sabe que sou a Rainha das Aves, e que só deve dirigir-me a palavra depois que eu tenha falado?”.

A cotovia replicou: “Parece-me que somos da mesma família”.

A águia olhou de soslaio para ela, demonstrando desprezo, e falou: “Quem foi que disse que eu e você somos da mesma família?”.

A cotovia respondeu: “Lembro-me do seguinte: posso voar tão alto quanto a Senhora e cantar e dar prazer às outras criaturas da terra. E a Senhora não dá prazer nem deleite”.

A águia, então, ficou possessa e gritou: “Prazer e deleite! Minúscula criatura presunçosa! Com um só golpe do meu bico, eu poderia destruir-lhe. Você é apenas do tamanho do meu pé”.

Nesse momento, a cotovia esvoaçou e pousou nas costas da águia, começando a bicar-lhe as penas. A águia ficou irritada e voou rápido e alto para livrar-se da avezinha. Mas não o conseguiu. Por fim, voltou para aquele mesmo rochedo sobre o alto monte, mais brava do que nunca, com a pequena criatura ainda nas costas, e amaldiçoando sua sorte.

Então, naquele momento, chegou uma tartaruga e pôs-se a rir do que via, e riu tão alto que quase virou de costas.

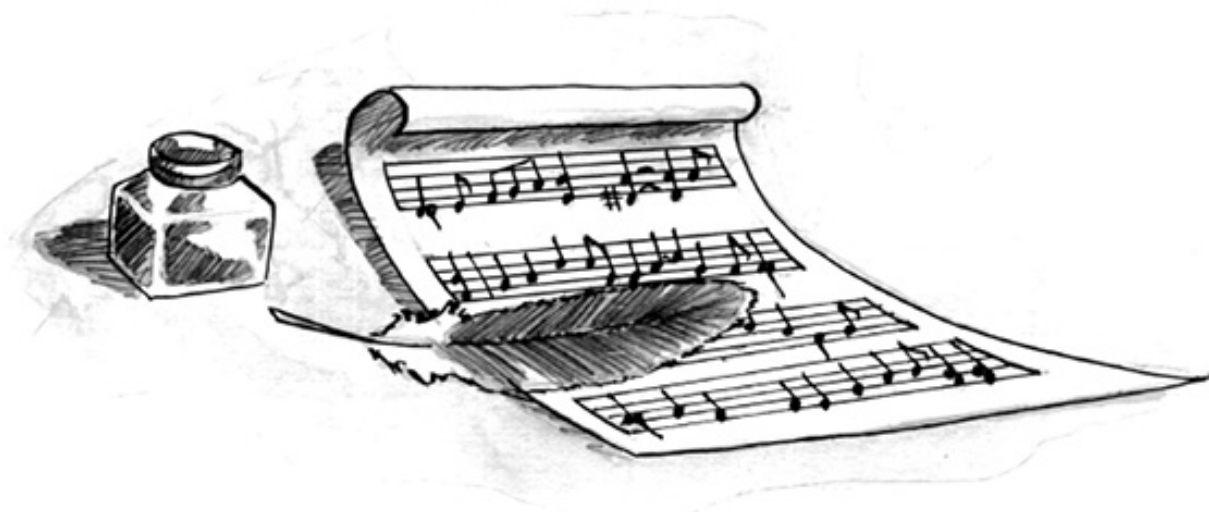
E a águia olhou para a tartaruga, e disse: “Ó coisinha lenta que se arrasta pela terra, está rindo de quê?”.

E a tartaruga disse: “Acho graça porque vejo que virou um cavalo e tem uma avezinha cavalgando seu costado; e a pequenina ainda se está saindo melhor”.

E a águia redarguiu: “Vai cuidar de sua vida. Isto é um assunto de família, entre eu e minha irmã, a cotovia”.

MELODIA DE AMOR

Um poeta, certa vez, escreveu uma bela melodia de amor. E ele tirou muitas cópias e as enviou aos seus amigos e conhecidos, homens e mulheres, e até a uma jovem com quem só se havia encontrado uma vez, e que vivia além das montanhas.



Após um ou dois dias, veio um mensageiro da jovem, trazendo uma carta. E a carta dizia: “Devo dizer-lhe que estou profundamente comovida pela canção de amor que fez para

mim. Venha logo, fale com meu pai e minha mãe, e tratemos dos preparativos para o nosso casamento”.

E o poeta respondeu à carta, explicando à moça: “Minha amiga, isso é apenas uma canção de amor saída do coração de um poeta, que poderia ter sido cantada por qualquer homem para qualquer mulher”.

E ela escreve-lhe novamente, dizendo: “Hipócrita e manipulador de palavras! A partir de hoje até o dia do meu enterro, odiarei a todos os poetas por sua culpa”.

LÁGRIMAS E RISOS

Uma noite, às margens do rio Nilo, uma hiena encontrou-se com um crocodilo; ambos pararam e trocaram cumprimentos.

A hiena puxou conversa: “Como está passando, Senhor?”.

E o crocodilo respondeu: “Nada bem. Às vezes, em minha dor e tristeza, choro, e então as criaturas comentam: ‘São apenas lágrimas de crocodilo’. E isso me magoa mais do que posso suportar”.

Então a hiena disse: “Fale de sua dor e tristeza, mas pense também por um momento em mim. Olho para a beleza do mundo, suas maravilhas e seus milagres, e, em minha pura alegria, rio, tal como riem os dias. E então, a gente da selva diz: ‘É apenas o riso de uma hiena’”.

NA QUERMESSE

Uma moça do interior, muito bonita, veio à quermesse. Havia um lírio e uma rosa em sua face, e um entardecer em seus cabelos; e auroras sorriam em seus lábios.

Tão logo a encantadora forasteira chegou, os jovens já começaram a assediá-la. Um queria dançar com ela, e outro queria cortar um bolo em sua honra. E todos desejavam beijá-lhe o rosto. Pois, afinal de contas, não se estava na quermesse?

A moça, contudo, ficou intimidada e assustada, e pensou mal de todos os jovens. Reagiu energeticamente e chegou mesmo a bater na face de um ou dois deles. Depois correu, fugindo daqueles rapazes.

E, ao voltar para casa, naquela noite, dizia em seu coração: “Estou desgostosa. Como esses homens são grosseiros e mal-educados! Tudo isso ultrapassou os limites!”.



Passou-se um ano, durante o qual aquela mesma moça formosa pensou muito na quermesse e nos homens. Então, foi novamente à quermesse, com o lírio e a rosa em sua face, o entardecer em seus cabelos e o sorriso da aurora nos lábios.

Mas então os jovens, vendo-a, deram-lhe as costas. E o dia inteiro ela ficou sozinha, sem que ninguém a procurasse.

E à noitinha, quando seguia pela estrada, rumo ao lar, chorava em seu coração: “Estou desgostosa. Como esses jovens são grosseiros e mal-educados! Tudo isso ultrapassou os limites!”.

DUAS PRINCESAS

Na cidade de Shawakis, vivia um Príncipe, que era amado por todos, homens, mulheres e crianças. Até os animais do campo vinham saudá-lo.

Todos diziam, porém, que sua mulher, a Princesa, não o amava, e talvez até o odiasse.

Certo dia, a Princesa de uma cidade vizinha veio visitar a Princesa de Shawakis. E sentaram-se juntas e conversaram; e suas palavras foram levadas a seus maridos.

A Princesa de Shawakis disse, com paixão: “Invejo sua felicidade com o Príncipe, seu marido, apesar de estarem casados há muitos anos. Odeio meu esposo. Não pertence somente a mim, e sou por isso uma mulher muito infeliz”.

Então, a Princesa visitante olhou-a fixamente e disse: “Minha amiga, a verdade é que ama seu marido. Sim, e ainda tem por ele uma paixão que não se desfez, e isso é a vida numa mulher como a Primavera num jardim. Mas tenha pena de mim e de meu marido, porque tão somente nos suportamos em silenciosa

paciência. E, no entanto, você e os outros chamam a isso de felicidade”.

O RELÂMPAGO

Estava um bispo cristão em sua catedral, num dia de tempestade; e uma mulher não cristã chegou, pôs-se diante dele, e disse: “Não sou cristã. Poderei salvar-me do fogo do Inferno?”.

O bispo, então, olhou para a mulher, e respondeu: “Não, só há salvação para os que são batizados na água e no espírito”.

E ali mesmo, quando ele falava, um raio do céu, com trovão caiu sobre a catedral e a incendiou.

Os homens da cidade vieram correndo, e salvaram a mulher, mas o bispo foi consumido pelo fogo.



O EREMITA (I)

Num certo tempo, vivia entre as verdes colinas um eremita. Era puro de espírito e de coração.

E todos os animais da terra e todas as aves do ar vinham a ele aos pares, e ele lhes falava.

Ouviam-no alegremente, e reuniam-se junto dele, e não se iam até o cair da noite, quando ele os mandava embora, confiando-os ao vento e às florestas, com sua bênção.

Uma tarde, quando estava falando do amor, um leopardo ergueu a cabeça e disse ao eremita: “O senhor nos fala do amor. Diga-nos, onde está sua companheira?”.

E o eremita disse: “Não tenho companheira”.

Então, um grito de surpresa levantou-se do grupo de feras e aves, e começaram a comentar entre si: “Como pode falar-nos do amor e do companheirismo, se ele próprio não sabe nada dessas coisas?”.

E, com desprezo, pouco a pouco deixaram-no sozinho.

Naquela noite, o eremita ficou inclinado sobre sua esteira com o rosto voltado para a terra e chorou amargamente,

batendo no peito com as mãos.

DOIS IGUAIS

Certa vez, o profeta Charia encontrou uma menina num jardim, e esta o cumprimentou: “Bom dia, Senhor”, e o profeta respondeu: “Bom dia para você também”. Passado um instante, ele continuou: “Vejo que está só”.

Então a criança riu e disse, divertindo-se: “Levei muito tempo para fugir de minha babá. Ela pensa que estou atrás daquela cerca viva, e não percebe que estou aqui”.

Depois olhou para a face do profeta e falou novamente: “Você também está só. Que fez com a sua babá?”.

O profeta respondeu, dizendo: “Ah, meu caso é diferente. Na verdade, não posso fugir dela frequentemente. Mas agora, quando vim a este jardim, ela estava procurando-me atrás daquela cerca viva”.

A criança bateu palmas e gritou: “Então é como eu! Não é bom ficar perdido?”. Em seguida, perguntou: “Quem é você?”.

E o profeta respondeu: “Chamam-me profeta Charia. E você, quem é?”.

“Sou somente eu”, disse a criança, “e minha babá está me procurando, e não sabe que estou aqui”.

Então, o profeta olhou para o espaço, dizendo: “Eu também fugi de minha babá por um instante, mas ela me encontrará”.

E a criança disse: “Sei que a minha também vai achar-me”.



E naquele momento, ouviu-se uma voz de mulher, chamando pelo nome da criança: “Eu lhe disse que ela me encontraria”.

E, no mesmo instante, outra voz foi ouvida: “Onde está, Charia?”.

E o profeta disse: “Vê, minha filha, encontraram-me também”.

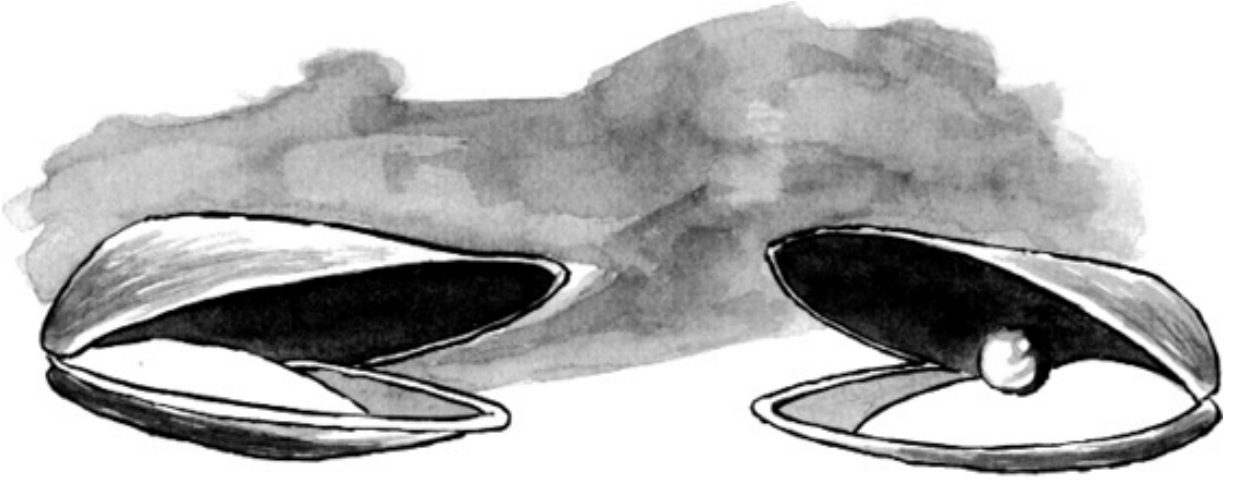
E voltando a face para cima, Charia respondeu: “Estou aqui”.

A PÉROLA

Disse uma ostra para a outra, a seu lado: “Sinto grande dor dentro de mim. É algo pesado e redondo, que me deixa deprimida”.

A outra ostra respondeu com altiva condescendência: “Agradeço ao céu e ao mar, pois não sinto nenhuma dor. Estou boa e saudável, por fora e por dentro”.

Nesse momento, um caranguejo passava por lá e ouviu as duas ostras, e disse à ostra que estava boa e saudável por fora e por dentro: “Sim, estás boa e saudável; mas a dor que sua vizinha tem é uma pérola de enorme beleza”.



CORPO E ALMA

Um homem e uma mulher estavam sentados junto a uma janela que se abria para a Primavera. Sentavam--se bem juntos um do outro. E a mulher dizia: “Amo você. É bem bonito, e está sempre bem-vestido”.

E o homem disse: “Você também é o meu amor. É como um belo pensamento, uma coisa inteiramente à parte para se ter na mão, e uma canção em meu sonho”.

Mas a mulher voltou-lhe as costas, aborrecida e disse: “Ora, como pode dizer isso? Não sou um pensamento e não sou uma coisa que passa em teus sonhos. Sou uma mulher. Gostaria que me desejasse como esposa e mãe de seus filhos não nascidos”.

E separaram-se.

E o homem falou para seu coração: “Eis outro sonho que acaba de se transformar em bruma”.

E a mulher, por sua vez, disse: “Bem, que dizer de um homem que me converte em bruma e em sonho?”.

O REI

O povo do reino de Sadik sitiava o palácio gritando em revolta contra seu Rei. E ele desceu os degraus do palácio, levando a coroa em uma mão e o cetro na outra. A majestade de seu aparecimento silenciou a multidão, e ele colocou-se diante dela, anunciando: “Meus amigos, não são mais meus súditos, aqui lhes entrego minha coroa e meu cetro. Quero ser um de vocês. Sou apenas um homem, mas, como tal, gostaria de trabalhar para que juntos melhoramos o destino de todos. Não há necessidade de um Rei. Vamos, portanto, para os campos e os vinhedos, e trabalhem de mãos dadas. Somente precisam dizer-me a que campo ou vinhedo deverei ir. Todos vocês são o Rei”.

E o povo maravilhou-se e o silêncio caiu sobre eles, porque o Rei que tinham considerado a fonte de seu descontentamento agora cedia sua coroa e seu cetro e tornava-se um deles.



Depois, cada um seguiu seu caminho, e o Rei foi com um homem para o campo.

Mas o reino de Sadik não passou melhor sem um Rei, e a névoa da insatisfação estava ainda sobre a terra. O povo gritava nos mercados, dizendo que queria ser governado e que queria ter um Rei que o comandasse. E os velhos e jovens diziam numa só voz: “Queremos nosso Rei”.

Procuraram, então, o Rei e encontraram-no trabalhando no campo, e trouxeram-no a seu trono, devolvendo-lhe a coroa e o cetro. E disseram-lhe: “Agora, governa-nos, com poder e com justiça”.

E ele disse: “Claro que os governarei com poder, e queiram os deuses do céu e da terra ajudar-me para que também reine com justiça”.

Então, vieram à sua presença homens e mulheres e falaram-lhe de um Barão que os tinha maltratado e para o qual não passavam de servos. Imediatamente, o Rei mandou chamar o Barão, e disse: “A vida de um homem é pesada nas balanças de Deus como a vida de qualquer outro homem. Como não sabe pesar as vidas dos que trabalham em seus campos e seus vinhedos, estás banido, e deixarás, para sempre este reino”.

No dia seguinte, veio outro grupo ao Rei e falou da crueldade de uma Condessa de além dos montes, e de como ela os tinha reduzido à miséria. Imediatamente a Condessa foi trazida à corte, e o Rei sentenciou-a também ao desterro, dizendo: “Aqueles que cultivam nossos campos e cuidam de nossos vinhedos são mais nobres do que nós, que comemos o pão que eles preparam e bebemos o vinho de sua fabricação. E porque

não considerou isso, deixarás esta terra e irás para longe deste reino”.

Em seguida, vieram outros homens e mulheres e falaram de um Bispo que os tinha feito carregar e talhar pedras para a catedral e, contudo, não lhes pagara nada, não obstante seu cofre estivesse cheio de ouro e prata, enquanto que eles se achavam sem dinheiro e com fome.

E o Rei chamou o Bispo, e quando ele chegou, o Rei lhe disse: “Essa cruz que usas sobre o peito deveria significar dar vida à vida. Mas tomou vida da vida, e nada deu. Assim, abandonarás este reino para nunca mais voltar”.

Desse modo, a cada dia, durante toda uma lua, homens e mulheres vinham ao Rei e falavam-lhe dos fardos que os oprimiam. E, a cada dia e todo dia, por toda uma lua, algum opressor foi desterrado do reino.

E os súditos de Sadik estavam admirados, e havia alegria em seus corações.

Certo dia, os velhos e os jovens vieram e cercaram a torre do Rei e o convocaram. E ele desceu, trazendo sua coroa numa mão e o seu cetro na outra.

E falou-lhes: “Agora, que querem de mim? Eu lhes devolverei o que desejaram que eu conservasse”.

Mas eles gritaram: “Não, não, o senhor é nosso Rei legítimo. Livrou esta terra de víboras e reduziu os lobos a nada; viemos aqui manifestar nosso agradecimento. A coroa lhe pertence por justiça, e o cetro é o símbolo de sua glória”.

Então, o Rei disse: “Não eu, não eu. Vocês próprios são o Rei. Quando me consideravam fraco e mau governante, vocês mesmos é que eram fracos e desgovernados. E se agora tudo caminha bem nesta terra é porque corresponde à vontade de todos. Não sou senão um pensamento na mente de todos vocês, e não existo senão em suas ações. Não há uma pessoa que seja o Governador. Somente os governados existem para se governarem a si mesmos”.

E o Rei retornou à sua torre, com sua coroa e seu cetro. E os velhos e os jovens seguiram seus vários caminhos e ficaram satisfeitos.

E cada um deles pensava em si mesmo como um Rei, com uma coroa numa mão, e um cetro na outra.

SOBRE A AREIA

Disse um homem a outro: “Na parte extrema da praia, aonde a maré alta não chega, escrevi com a ponta do meu cajado, há muito tempo, uma linha na areia. E as pessoas ainda param para lê-la, e tomam muito cuidado para que nada a apague”.



E o outro homem disse: “Eu também escrevi uma linha na areia, mas foi na parte baixa, e as ondas do vasto mar apagaram-na. Mas, diga-me, o que escreveu?”.

E o primeiro homem disse: “Escrevi isto: ‘Sou aquele que é’. E o que você escreveu?”.

E o outro homem respondeu: “Escrevi: ‘Sou apenas uma gota deste grande oceano’”.

TRÊS DÁDIVAS

Em certa época, vivia na cidade de Becharre um amável príncipe que era querido e honrado por todos os seus súditos.

Contudo, havia também um homem muito pobre que manifestava sua amargura contra o príncipe, utilizando sua língua ferina para frequentemente censurá-lo. O príncipe sabia do que se passava, mas era paciente.

Mas o príncipe resolveu levar o caso em consideração e, numa noite de inverno, mandou um criado à casa do homem entregar-lhe um saco de farinha de trigo, um pacote de sabão e um cone de açúcar. O criado, então, lhe disse: “O príncipe encaminha-lhe estes presentes como uma lembrança”.

O homem ficou cheio de si, porque considerou que os presentes eram uma homenagem do príncipe. E assim, em seu orgulho, procurou o bispo e contou-lhe o que o príncipe havia feito, afirmando: “Veja como o príncipe deseja a minha amizade!”

O bispo, porém, replicou: “Ah, este príncipe é muito sábio, e você nada entendeu! Ele falou através de símbolos: a farinha é

para o pão que deverá encher sua barriga vazia; o sabão, para limpar a sua pele suja; e o açúcar, para adoçar sua língua amarga”.

A partir desse dia, o homem ficou envergonhado de si mesmo, não obstante seu ódio contra o príncipe fosse maior do que nunca, sendo ainda mais intensa a raiva que passou a nutrir contra o bispo, que lhe havia revelado a mensagem do príncipe.

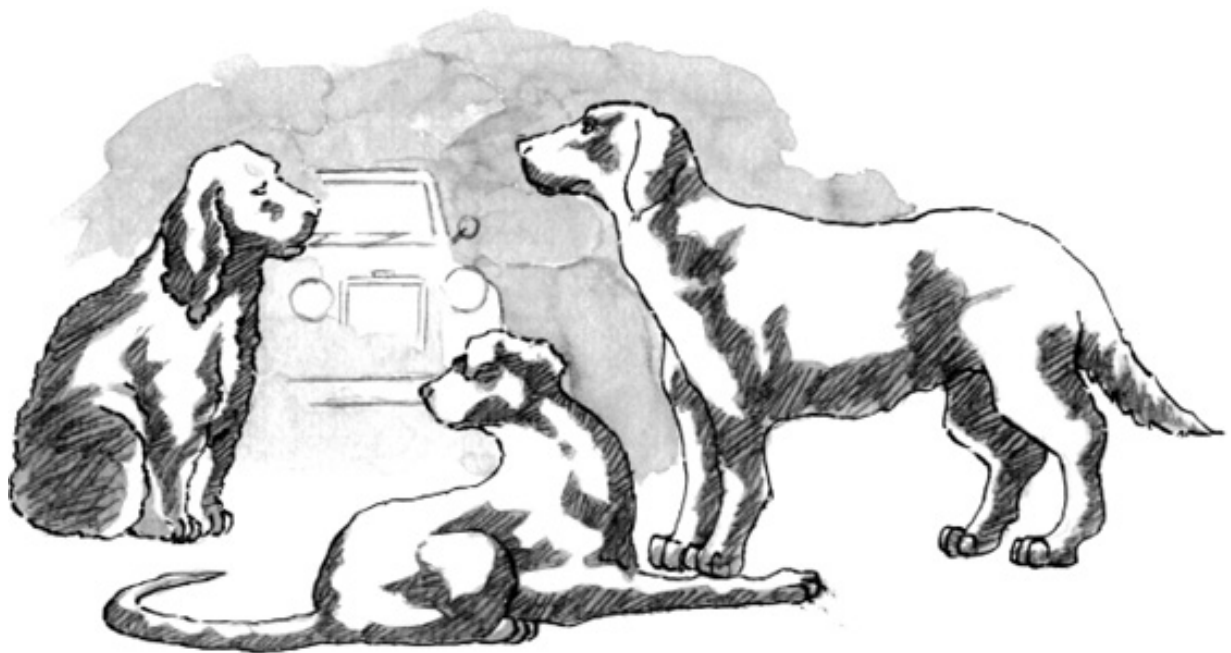
Mas guardou silêncio.

PAZ E GUERRA

Três cães, aquecendo-se ao sol, conversavam. O primeiro cão disse, devaneando: “Sem dúvida, é maravilhoso viver nesta época. Notem com que facilidade navegamos submersos e sobre o mar, sobre a terra e até no céu. Reflitam um instante nas invenções realizadas para o conforto dos cães, em todos os sentidos, envolvendo nossos olhos, ouvidos e focinhos”.

O segundo cão não deixou por menos, e acrescentou: “Estamos mais devotados às artes. Ladramos à lua com mais ritmo do que faziam nossos ancestrais. E quando nos olhamos num espelho d’água, vemos que nossas feições são mais claras do que antigamente”.

Chegou, então, a vez do terceiro cão, que falou: “Acima de tudo, o que mais me interessa e me diverte é o pacífico entendimento que existe entre os Estados caninos”.



Porém, naquele exato momento eles olharam para o lado e perceberam a chegada do homem da carrocinha de cachorros. Ato contínuo, os três cães ergueram-se num salto e correram rua abaixo; enquanto corriam, o terceiro cão disse: “Pelo amor de Deus, fujam para salvar suas vidas! A civilização está atrás de nós”.

A DANÇARINA

Certa vez, chegou à corte do príncipe de Birkaska uma dançarina acompanhada de seus músicos. Aceita na corte, dançou para o Príncipe à música do alaúde, da flauta e da cítara.

Foram várias danças: a das chamas, das espadas e das lanças; a dança das estrelas e a dança do espaço. Ao final, executou a dança das flores ao vento.

Em seguida, ficou diante do trono do príncipe e curvou o corpo. Ele, então, lhe disse: “Bela mulher, filha da graça e do aprazível, de onde vem? E como consegue coordenar todos esses ritmos e canções?”.

E a dançarina inclinou-se novamente frente ao Príncipe e respondeu: “Majestade generosa e benevolente, não sei responder à pergunta que me faz. Sei apenas disso: a alma do filósofo mora em sua cabeça; a do poeta, em seu coração; a do cantor, em sua garganta. Mas a alma da dançarina habita todo o seu corpo”.



OS DOIS ANJOS DA GUARDA

Certa vez, dois anjos da guarda se encontraram às portas de uma cidade, cumprimentaram-se e iniciaram uma conversa. Um deles disse: “O que anda fazendo por esses dias? De que trabalho o encarregaram?”

E o outro respondeu: “Designaram-me para ser o anjo da guarda de um homem decaído que mora lá nos baixios do vale. Trata-se de um grande pecador, de alma deteriorada. Asseguro-lhe que é um trabalho importante, mas árduo”.

O primeiro anjo replicou: “Creio que é uma missão fácil. Com certa frequência, tenho encontrado pecadores e muitas vezes tenho sido designado anjo da guarda deles. Mas agora me encarregaram de ser o guardião de um santo que vive num caramanchão lá embaixo. Posso assegurar-lhe que é um trabalho muito difícil e cheio de sutilezas”.

O segundo anjo não se conteve: “É muita arrogância de sua parte. Claro que tomar conta de um pecador é muito mais difícil”. Já o outro retrucou: “Que impertinência, como pode

chamar-me de arrogante! Disse apenas a verdade. O arrogante aqui é você”.

Assim, os anjos se desentenderam e brigaram, primeiramente com palavras e, em seguida, com punhos e asas. Enquanto lutavam, chegou o arcanjo, que os deteve, dizendo: “Que é que há, por que brigam? Não percebem que é muito feio dois anjos trocando socos à porta da cidade? Qual é o motivo dessa discórdia?”.

Então, os dois anjos começaram a falar aos trambolhões, cada um considerando seu próprio trabalho o mais árduo, aquele que mereceria maior recompensa.

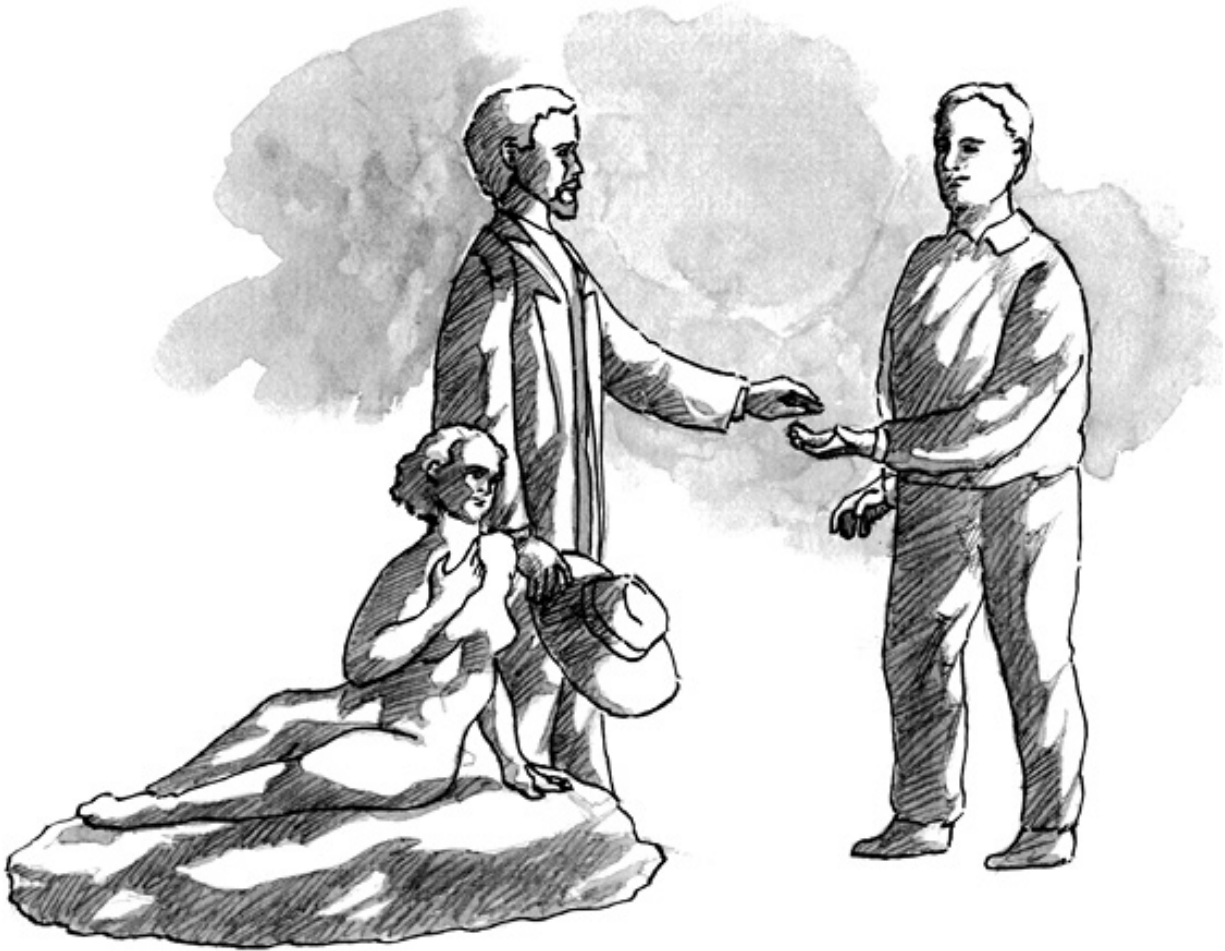
O arcanjo balançou a cabeça e pensou. Em seguida, pronunciou: “Meus amigos, não sei dizer qual dos dois seria digno de maior reconhecimento. Mas em consideração ao poder que me é conferido, e em nome da paz e da boa convivência, vou designar a cada um o trabalho do outro, uma vez que insistem em se desclassificar mutuamente. Agora, vão embora e sejam felizes em suas tarefas”.

Seguindo as ordens, cada um dos anjos tomou seu caminho. Mas ambos olharam para trás, dirigindo uma raiva ainda maior ao arcanjo. Em seus corações, cada um deles dizia: “Ah, esses arcanjos! Tornam a vida cada vez mais dura para nós, anjos da guarda!”.

O arcanjo, contudo, permaneceu lá postado, e ponderou para si mesmo: “Sem dúvida, precisamos ficar atentos e manter a guarda sobre nossos anjos da guarda”.

A ESTÁTUA

Entre os montes, vivia um homem que tinha uma estátua feita por um antigo mestre. Ficava à sua porta, virada para baixo, pois ele não ligava muito para ela.



Um dia, passou pela casa um homem da cidade - um homem dotado de conhecimentos -, e perguntou ao dono se desejava vendê-la.

O dono da estátua sorriu e disse: “Faça-me o favor, você vai querer comprar essa pedra estúpida e suja?”. E o outro respondeu: “Sim, pago por ela esta moeda de prata”. O dono ficou surpreso e extasiado, e fechou o negócio.

A estátua foi levada para a cidade nas costas de um elefante. E, após muitas luas, o homem dos montes foi visitar a cidade e, quando caminhava pelas ruas, viu um aglomerado de pessoas em frente a uma loja, onde havia também um homem

anunciando: “Entrem e vejam a mais bela e maravilhosa estátua do mundo. Por uma ninharia de duas moedas de prata poderão ver a maior obra de um grande mestre”.

Foi quando o homem dos montes pagou duas moedas de prata e entrou na loja para contemplar a estátua que ele mesmo havia vendido por uma única moeda.

A TROCA

Certa feita, numa encruzilhada, encontraram-se um Poeta pobre e um Estúpido rico, e entabularam um diálogo. E em tudo o que conversaram se ressaltou o descontentamento de ambos com suas condições.

Vendo isso, o Anjo da Estrada, que passava por ali, pousou as mãos nos ombros dos dois homens e um milagre aconteceu: os bens de um passaram para o outro, e vice-versa. E separaram-se.

O curioso é que, após isso, o Poeta olhou para sua mão e nada achou além de areia movediça seca; já o Estúpido, ao fechar os olhos, encontrou em sua mente apenas um imenso vazio.

AMOR E ÓDIO

Uma mulher declarou-se a um homem: “Eu amo você”. E o homem disse: “Está em meu coração ser digno de seu amor”.

E a mulher, então, perguntou: “Você não me ama?”. O homem apenas olhou para ela, mas nada disse.

Em razão disso, a mulher gritou: “Odeio você!”. E o homem falou: “Está igualmente em meu coração ser digno de seu ódio”.

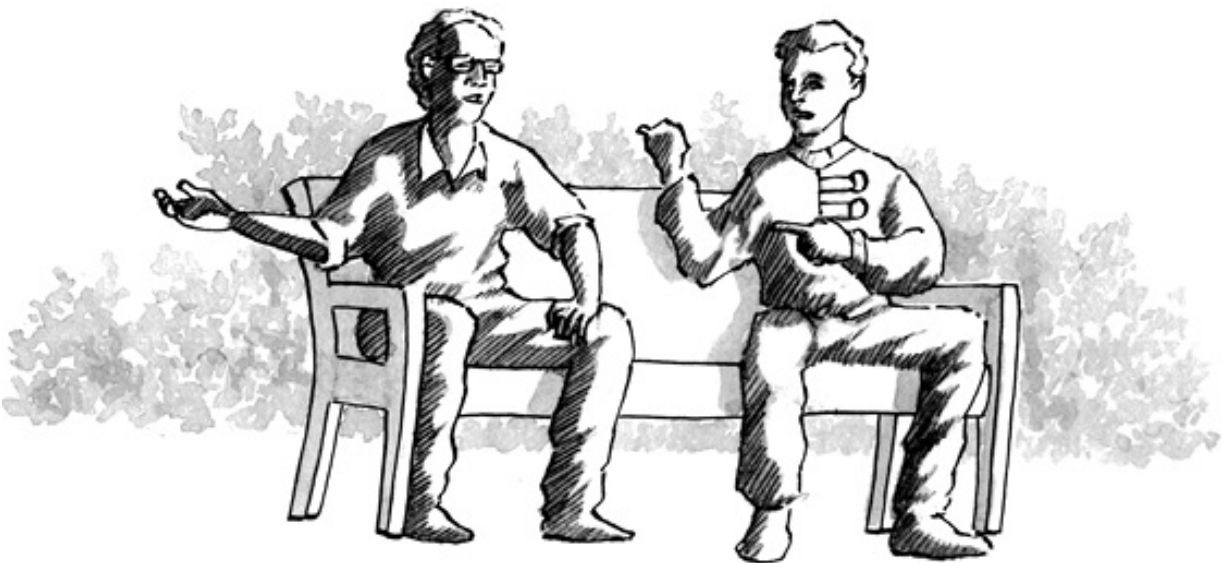
SONHOS

Um homem teve um sonho intrigante e, ao acordar, foi a um adivinho pedindo-lhe que o decifrasse.

“Traga-me os sonhos que tiver quando acordado” - disse o adivinho ao homem - “e eu lhe darei o significado. Porque os sonhos de seu sono não pertencem nem à minha sabedoria nem à sua imaginação.”

O LOUCO

Encontrei nos jardins de um hospício um belo jovem de rosto pálido e cheio de espanto. Sentei-me a seu lado e perguntei-lhe porque estava ali.



Ele olhou-me admirado e falou: “É uma pergunta indiscreta, mas vou respondê-la. Meu pai queria fazer de mim uma cópia de si próprio; o mesmo queria meu tio. Minha mãe desejava que eu espelhasse a imagem de seu ilustre pai. Minha irmã achava que

eu devia mirar-me em seu marido, um marinheiro, como exemplo perfeito do que eu deveria ser. Já meu irmão, considerava que eu tinha de ser como ele, um grande atleta. E meus professores também: o mestre de filosofia, o professor de música e o de lógica, cada um desejava que eu fosse apenas o reflexo de seu próprio rosto. Por essa razão vim para cá. Creio que esse lugar é mais saudável. Ao menos, posso ser eu mesmo”.

Em seguida, repentinamente, dirigiu para mim seu olhar e indagou: “Mas, fale-me, o senhor também foi trazido para cá por força da educação e dos aconselhamentos?” E eu respondi: “Não, sou um visitante”.

E ele arrematou: “Sei, o senhor é um dos que vivem no hospício do outro lado do muro”.

AS RÃS

Num dia de verão, uma rã disse a seu marido: “Temo que estejamos incomodando as pessoas que moram nessa casa perto do lago com a nossa cantoria noturna”.

“Mas durante o dia” - o marido respondeu - “eles também perturbam nossa tranquilidade com suas conversas.”

A rã insistiu: “Mas talvez não devemos esquecer que estamos cantando demais à noite”. E o outro retrucou: “Eles é que não deveriam esquecer-se de que tagarelam e gritam durante todo o dia”.

Continuou a rã: “E o que falar, então, da rã-touro, que incomoda a vizinhança com aquele maldito estampido que solta?”.

“Sim, é verdade” - confirmou o outro -, “e o que dizer do político, do padre e do cientista que vêm para estas paragens e enchem o ar de barulhos estranhos e sem melodia?”



Então, a rã disse: “Vamos agir melhor do que esses seres humanos. Vamos ficar quietos à noite, guardando a cantoria em nossos corações, mesmo que a lua rogue por nosso ritmo, e as estrelas por nossas melodias. Vamos reservar-nos por uma, duas noites ao menos, ou quem sabe, por três”.

“Está bem” - concordou o marido da rã. - “Vamos ver o que essa atitude bondosa trará.”

Assim, as rãs, naquela noite, ficaram silenciosas, o mesmo acontecendo na segunda e terceira madrugadas.

Curioso é que a mulher tagarela que morava na casa perto do lago desceu para o café da manhã, naquele terceiro dia, e comentou em voz alta para o esposo: “Não consegui dormir direito nessas últimas três noites. Sentia-me relaxada com o barulho das rãs em meus ouvidos e adormecia tranquila. Mas algo deve ter acontecido, pois faz três noites que não cantam. E a insônia quase me deixou louca”.

Ao ouvir isso, a rã voltou-se para o marido e disse, piscando o olho: “E pensar que também quase ficamos loucos com o nosso silêncio”.

“É verdade” - disse o marido da rã. “O silêncio da noite estava pesando sobre nós. E percebo agora que não necessitamos parar de cantar para satisfazer aqueles que precisam preencher com ruídos o vazio de suas vidas.”

E naquela noite, nem a lua nem as estrelas rogaram em vão pela cantoria cheia de ritmo e melodia.

AS LEIS E AS LEIS IMPOSTAS

Há muito tempo, havia um sábio Rei que desejava estabelecer leis para seus súditos.

Convocou mil homens sábios, de mil tribos diferentes, para vir a seu reino e formular as leis. Eles assim o fizeram.

Porém, quando as mil leis, escritas sobre pergaminho, foram colocadas diante do Rei, ele as leu e chorou dolorosamente, porque desconhecia haver em seu reino mil formas de crime.

Não obstante, chamou seu escriba e, com a alma desanuviada, ele próprio ditou as leis. E foram apenas sete.

Irados com a atitude do Rei, os mil homens sábios abandonaram-no e voltaram para suas tribos com as leis que haviam feito. E cada uma das tribos seguiu a lei daqueles homens.

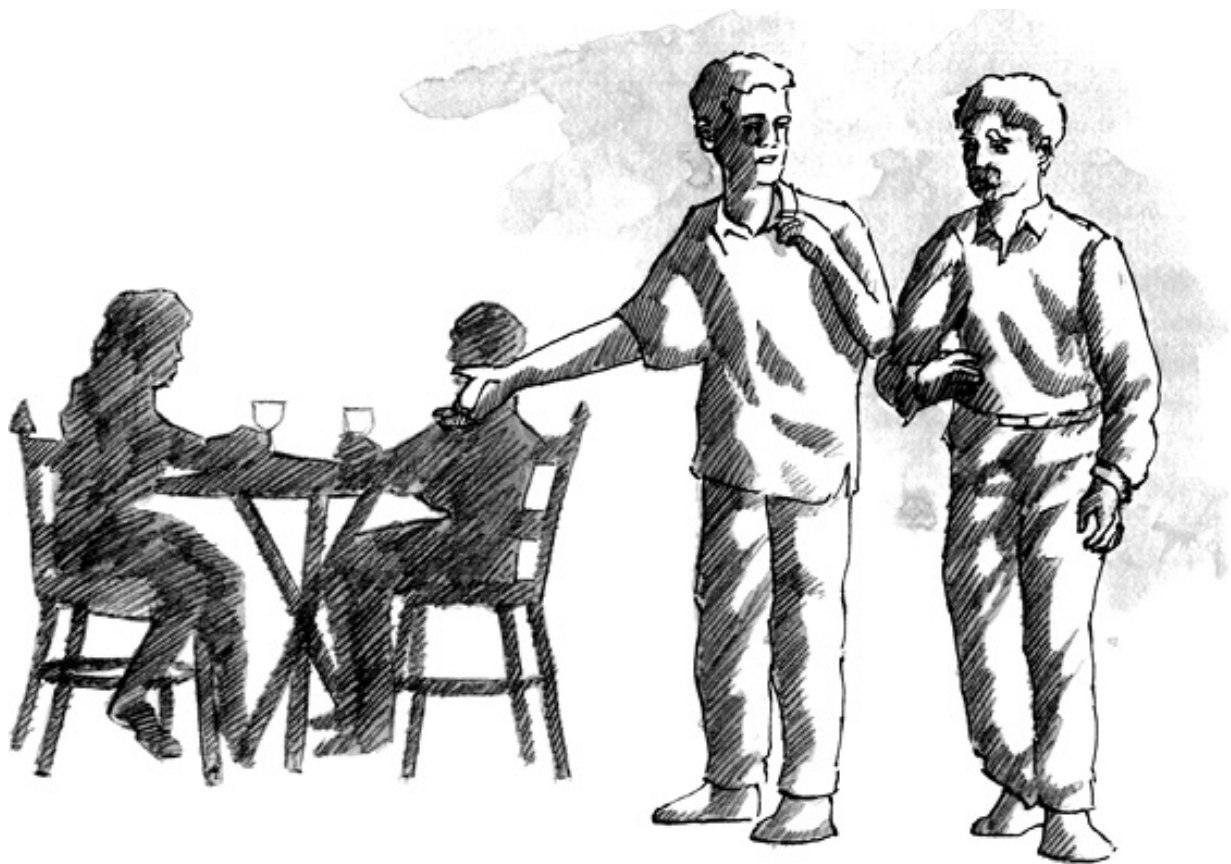
O tempo passou e aquele é hoje um grande país, mas tem mil prisões, todas elas repletas de mulheres e homens que transgrediram as leis.

Trata-se, em verdade, de um grande povo, mas seus cidadãos são descendentes de mil legisladores e de um único Rei sábio.

A COMPANHEIRA

Eu disse a um amigo: “Você a vê, hoje, pendurada no braço daquele ali. Mas ainda ontem se aninhava em meus braços”.

E meu amigo respondeu: “E amanhã estará pendurada no meu”.



Eu continuei: “Olhe-a sentando-se bem junto dele. E ainda ontem se aconchegava pertinho de mim”.

E ele falou: “Amanhã, estará sentada a meu lado”.

Eu disse: “Olhe, está bebendo vinho na taça dele, enquanto ontem bebia na minha”.

“E amanhã será na minha” - completou o meu amigo.

Na sequência, eu observei: “Veja como olha para ele de maneira dengosa. E ontem me olhava da mesma maneira”.

“E amanhã esse olhar será para mim” - foi a vez dele dizer.

“Escute-a sussurrando canções no ouvido dele” - prossegui.
“As mesmas canções que ainda ontem murmurava em meus ouvidos!”

E meu amigo: “E amanhã vai sussurrá-las para mim”.

Então, eu falei: “Olhe lá, agora está abraçando-o, o mesmo abraço que ontem me dava”.

E novamente meu amigo replicou: “E amanhã será a minha vez”.

“Sim, ela é como a vida” - falei para meu amigo - “que seduz todos os homens. E, tal como a morte, conquista a todos eles. E como a eternidade, a todos envolverá.”

O FILÓSOFO

Como estava com as solas dos sapatos gastas, um filósofo foi à oficina de um sapateiro e lhe pediu: “Por favor, conserte os meus sapatos.”

O sapateiro respondeu: “Estou ocupado agora com os sapatos de outro cliente, e tenho ainda outros, na frente, para consertar. Mas deixe seus sapatos aqui e venha buscá-los amanhã. Enquanto isso, use este outro par que lhe cedo”.

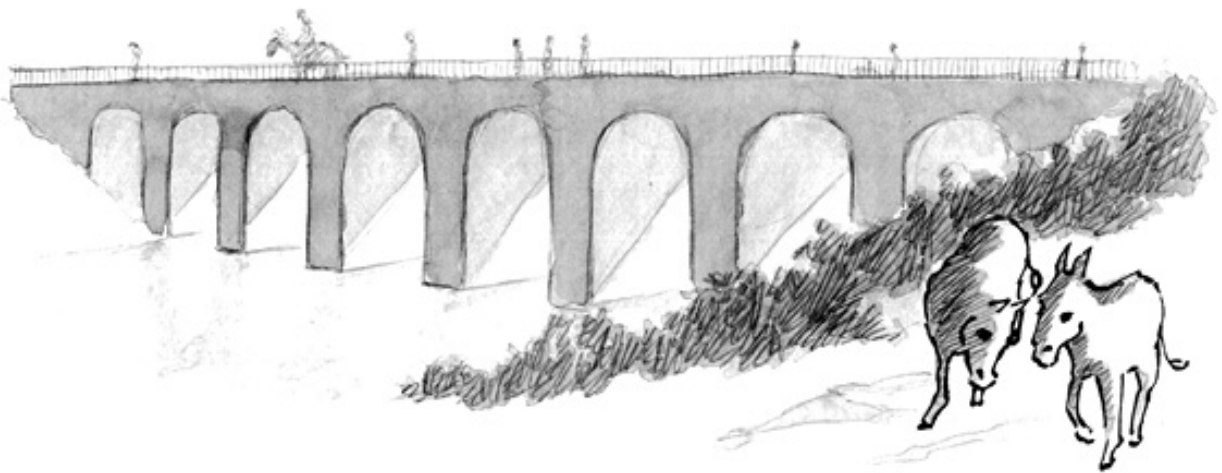
O filósofo ficou indignado com a oferta: “Não uso sapatos que não sejam meus”.

“O senhor é um filósofo e não pode calçar os sapatos de outro homem? Recomendo-lhe, então, um outro sapateiro nesta mesma rua, que entende os filósofos melhor do que eu. Procure-o para remendar seus sapatos”.

OS CONSTRUTORES

Em Antioquia, onde o rio Assi desemboca no mar, construíram uma ponte para ligar as duas partes da cidade. Foram utilizadas grandes pedras, trazidas no lombo de mulas desde as montanhas.

Quando ela ficou pronta, gravaram em suas colunas, em grego e aramaico, as seguintes inscrições: “Esta ponte foi construída pelo Rei Antíoco”. E todo mundo começou a utilizar a excelente ponte, imponente, sobre o generoso rio Assi.



Certa noite, um jovem, tido por louco por alguns moradores, desceu à coluna onde a inscrição estava gravada e rabiscou-a com carvão, escrevendo em seu lugar: “As pedras desta ponte foram trazidas das montanhas pelas mulas. Todas vieram de lá para cá em seus lombos. As mulas da Antioquia são as verdadeiras construtoras da ponte”.

Quando o povo leu o que o jovem tinha escrito, alguns acharam graça, outros se surpreenderam. Alguns comentaram: “Claro que sabemos quem fez isso. É uma coisa de louco, não?”.

Mas uma mula disse para outra, sorrindo:

“Você se lembra de que nós carregamos estas pedras. E mesmo assim eles insistem em dizer que a ponte foi construída pelo Rei Antíoco”.

O CAMPO DE ZAAD

No caminho de Zaad, um viajante, ao encontrar um homem que vivia na aldeia vizinha, apontou com a mão para um lugar e perguntou: “Não foi aqui o campo de batalha em que o rei Ahlam derrotou seus inimigos?”.

“Nunca aconteceu uma batalha aqui” - respondeu o homem. “O que existiu, de fato, nesse campo, foi a grande cidade de Zaad, mas ela foi queimada até o chão. Agora este é um bom campo, não é verdade?”.

E ambos os homens seguiram seus caminhos.

Um pouco mais à frente, o viajante encontrou outro homem e, indicando novamente o campo, falou: “Então, aqui existiu, há muito tempo, a grande cidade de Zaad?”.

“Jamais houve uma cidade neste lugar” - afirmou o homem. “Mas numa certa época, existia aqui um mosteiro, que foi destruído pelo povo do País do Sul”.

Seguindo seu caminho na mesma estrada de Zaad, o viajante encontrou um terceiro homem e, apontando mais uma vez o

lugar, indagou: “Não é fato que aqui existiu um grande mosteiro?”.

“Nunca houve um mosteiro nestas paragens” - respondeu o homem -, “mas nossos pais e nossos ancestrais nos contaram que, num tempo antigo, caiu um grande meteoro neste campo”.

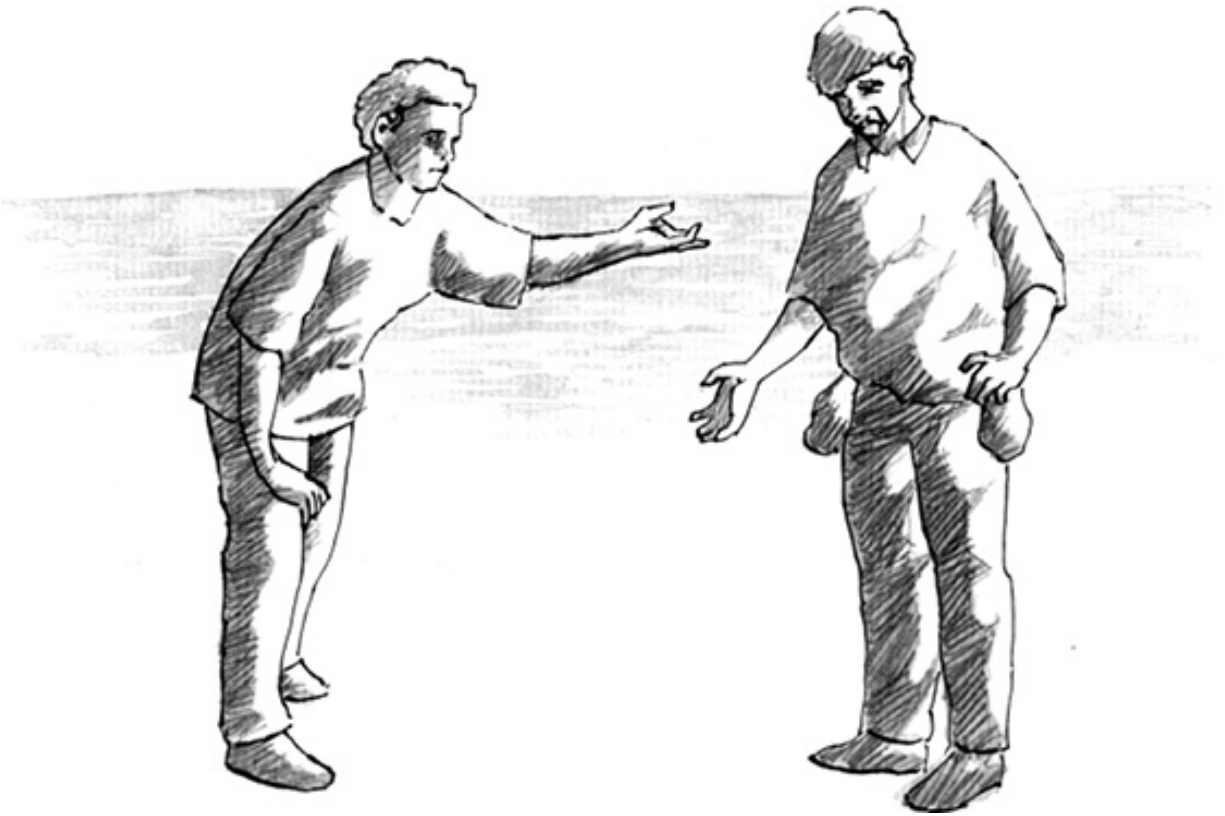
O viajante, então, seguiu viagem surpreso com tudo aquilo.

Encontrou, logo depois, um homem muito idoso e, após as saudações, ponderou: “Senhor, encontrei nesta estrada três homens que moram nos arredores e solicitei informações a cada um deles sobre este campo. Curioso é que cada um negou o que o outro havia dito, contando, por sua vez, uma nova história que o anterior não havia narrado”.

O velho, então, ergueu a cabeça e explicou: “Meu amigo, cada um deles contou o que era, para eles, verdade; mas poucos de nós somos capazes de juntar um fato a outro diferente e extrair deles uma verdade autêntica”.

O OURO

Dois homens, que se haviam encontrado na estrada, caminhavam juntos para Salamis, a Cidade das Colunas. Ao entardecer, chegaram a um rio largo e, como não havia ponte para atravessá-lo, precisavam nadar ou, quem sabe, encontrar outra estrada, que eles não conheciam.



Trocaram ideias e concluíram: “Vamos nadar. Afinal, o rio não é tão largo assim”. Ato contínuo, jogaram-se na água e começaram a nadar.

Um dos homens, que estava acostumado a nadar em diversos tipos de rio, começou repentinamente a perder-se no meio da correnteza e a ser carregado pelas violentas águas. O outro, que praticamente não sabia nadar, conseguiu cruzar o rio e chegar à outra margem com certa tranquilidade.

Porém, vendo seu companheiro sendo arrastado pela correnteza, jogou-se de novo na água e logrou trazê-lo às margens são e salvo.

“Mas você me disse que quase não sabia nadar!” - surpreendeu-se o homem que havia sido pego pela correnteza.

“Como, então, conseguiu cruzar esse rio em segurança?”

E o outro homem respondeu: “Meu amigo, está vendo este cinto que me envolve? Está cheio de moedas de ouro, que ganhei para a minha mulher e meus filhos, como resultado de todo um ano de trabalho. Pois foi o peso deste cinto que me possibilitou não ser carregado pela correnteza. Minha mulher e meus filhos me seguravam, enquanto eu atravessava o rio”.

E os dois homens seguiram juntos para Salamis.

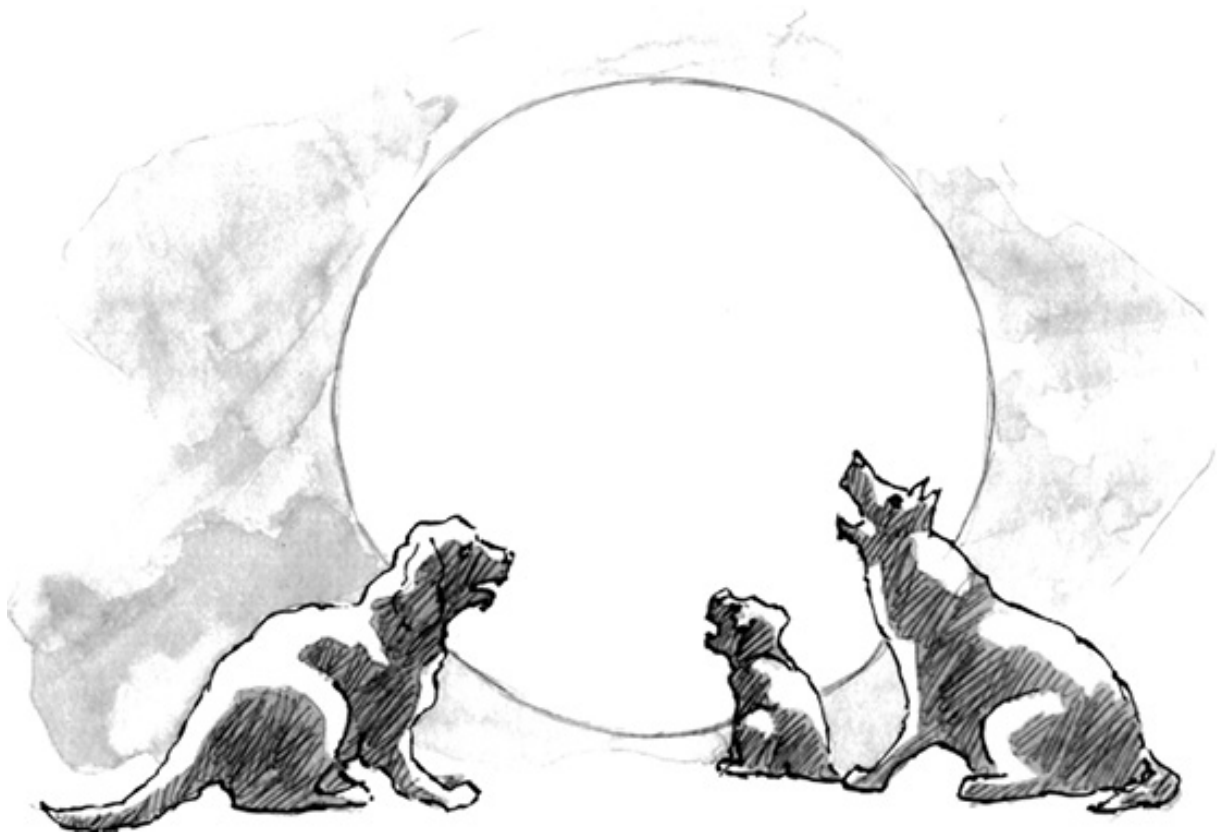
TERRA VERMELHA

Disse uma árvore a um homem: “Minhas raízes estão na profunda terra vermelha, e meu fruto será seu!”.

E o homem disse para ela: “Como somos parecidos! Minhas raízes também estão nas profundezas da terra vermelha. E se a terra vermelha lhe dá o poder de me conceder seu fruto, também me ensina a agradecer-lhe por esta dádiva”.

A LUA CHEIA

A Lua cheia levantou-se imponentemente sobre a cidade e todos os cães dali começaram a ladrar para ela.



Apenas um deles não latiu, dizendo aos outros em tom grave: “Não desperdicem o silêncio de seu sono, não tragam a Lua à Terra com seus latidos”.

Por essa razão, todos os cães pararam de latir e permaneceram em soturno silêncio.

Contudo, o cão que lhes havia exigido que parassem continuou a ladrar pelo resto da noite, pedindo silêncio.

O EREMITA (II)

Existia, em certa época, um profeta eremita que, três vezes em cada lua, encaminhava-se até a cidade e, nas praças de comércio, exortava, em pregações, a necessidade de se dar e distribuir. Ele era convincente, e sua fama se disseminava por todos os cantos.

Uma tarde, três homens vieram a seu retiro e o saudaram: “O senhor tem pregado sobre a generosidade e procurado ensinar aos que muito têm a ofertar aos que têm pouco. É certamente sua fama lhe trouxe alguns bens. Sendo assim, dê-nos sua riqueza, pois estamos passando necessidades”.

E o eremita respondeu: “Meus amigos, nada tenho, a não ser esta cama, esta esteira e esta jarra de água. Podem levá-las, se é o que desejam. Não tenho ouro nem prata”.

Os homens, então, olharam com desprezo para o eremita e depois lhe deram as costas. Antes de sair, porém, um deles parou próximo à porta e disse: “Enganador, fraudulento! Ensina e prega o que você mesmo não faz”.

O VINHO ENVELHECIDO

Havia um homem muito rico, que tinha justificado orgulho da adega que possuía e de seus vinhos. Ali ele guardava também um barril de antiga safra, reservado para um momento que apenas ele determinaria qual seria.



Quando o governador do Estado o visitou, o homem observou-o e decidiu: “Este barril não será aberto para um simples governador”.

Aconteceu de o bispo também o visitar, e sua resolução foi a mesma: “Não, não abrirei o barril. Ele não saberá apreciar seu valor, e nem ao menos distinguir o aroma que lhe chegará às narinas”.

Até o príncipe veio à sua casa e jantou com ele, mas o homem não deixou por menos: “É um vinho muito nobre para

um príncipezinho desses”.

Mesmo o casamento de seu próprio sobrinho não o sensibilizou: “Não, definitivamente não vou servir do meu melhor vinho para esses convidados”.

Os anos se passaram e ele morreu, já velho, e foi sepultado como qualquer outro. No dia do enterro, o velho barril foi trazido junto com outros e saboreado pelos aldeões dos arredores. E ninguém soube de que safra era.

Para eles, tudo o que era colocado nas taças era tão somente vinho.

OS DOIS POEMAS

Há muitos séculos, numa estrada para Atenas, dois poetas se encontraram e se alegraram com isso.

E um deles perguntou ao outro: “O que escreveste nos últimos tempos? Como vai tua poesia?”.

E o outro poeta respondeu com orgulho: “Acabo de terminar o maior de meus poemas, talvez o maior poema já escrito em grego. É uma homenagem a Zeus, o Supremo”.

E tirou de debaixo do manto um pergaminho, dizendo: “Aqui está, trago-o comigo, e gostaria de lê-lo para ti. Vem, sentemo-nos à sombra daquele cipreste branco”.

E o poeta leu seu poema. E era um longo poema.

E o outro poeta disse, gentilmente: “É um grande poema. Viverá através das idades, e nele serás glorificado”.

E o primeiro poeta disse calmamente: “E tu, que tens escrito nestes últimos dias?”.

E o outro respondeu: “Escrevi pouco, somente oito versos, em memória de uma criança que brincava num jardim”.

E recitou os versos.

E o primeiro poeta disse: “Não está mau, não está mau”.

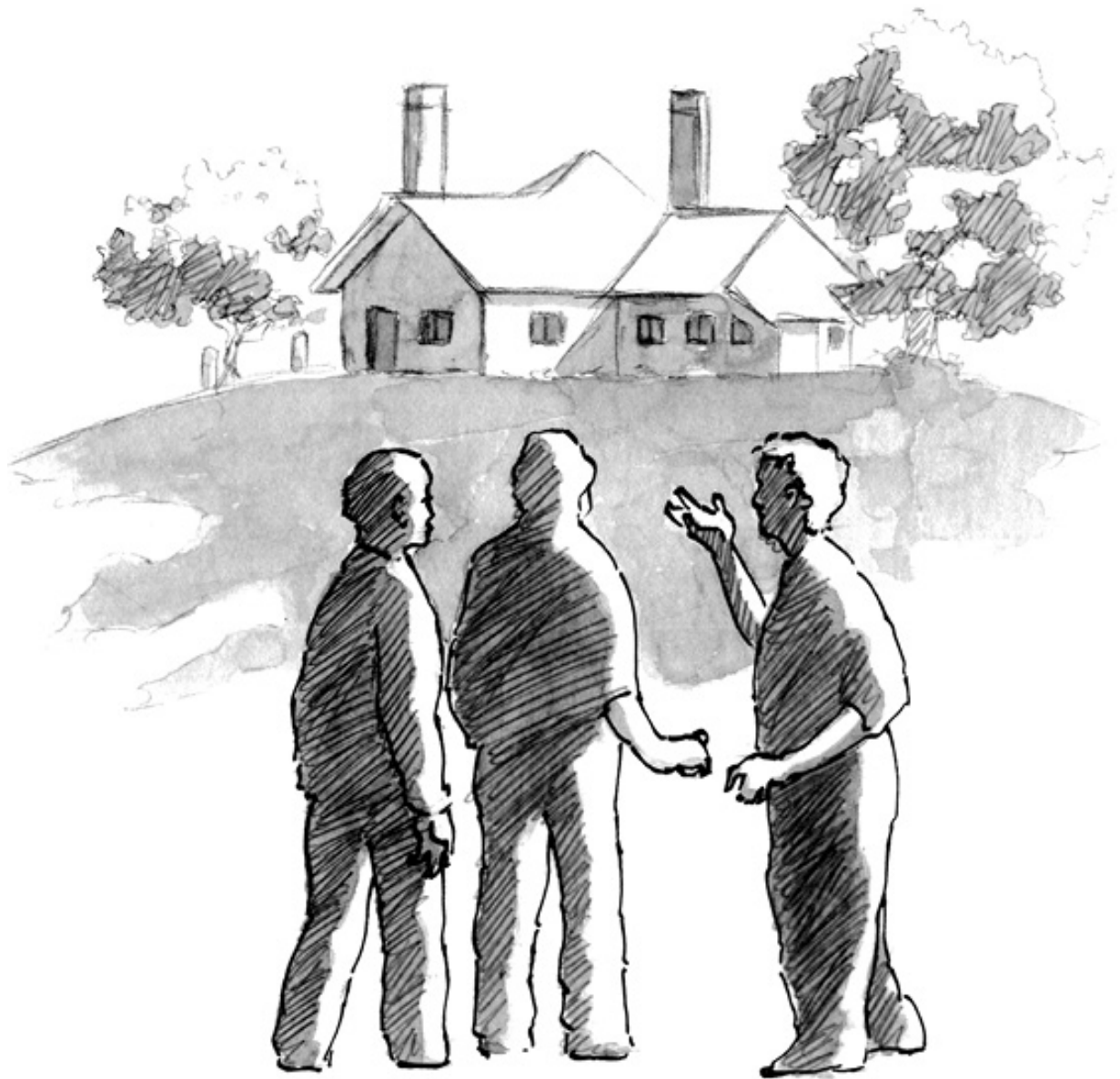
E separaram-se.

Hoje, depois de dois mil anos, os oito versos do poeta são lidos em todas as línguas, e são amados e louvados.

O outro poema, de fato, atravessou os tempos, está nas bibliotecas e nos acervos dos estudiosos e é por vezes recordado. Mas não é lido, nem amado.

LADY RUTH

Certa vez, três homens observavam ao longe uma casa branca que se erguia, solitária, sobre uma verde colina.



Um deles disse: “Aquela é a casa de Lady Ruth. É uma velha feiticeira”.

O segundo homem disse: “Engano seu. Lady Ruth é uma formosa mulher que vive dedicada a seus sonhos”.

O terceiro homem disse: “Vocês dois estão errados. Lady Ruth é a dona desta vasta terra, e arranca sangue de seus servos”.

E caminhavam, discutindo sobre Lady Ruth.

Ao chegarem a uma encruzilhada, encontraram um velho, e um deles aproveitou para perguntar-lhe: “Poderia, por gentileza, falar-nos sobre Lady Ruth, que vive naquela casa branca no alto da colina?”.

E o velho ergueu a cabeça e sorriu para eles, dizendo: “Tenho noventa anos, e lembro-me de Lady Ruth da época em que eu não passava de um menino. Mas Lady Ruth morreu há oitenta anos, e agora a casa está vazia. As corujas às vezes gritam lá dentro, e o povo diz que o lugar é mal-assombrado”.

GATO E RATO

Numa certa tarde, um poeta encontrou um camponês. O poeta era sombrio e o camponês, tímido; mas conversaram.

E o camponês falou: “Deixe-me contar uma pequena história que ouvi recentemente. Um rato caiu numa armadilha e, enquanto comia alegremente o queijo que lá havia, um gato se aproximou. O rato tremeu por um instante, mas percebeu que estava a salvo dentro da armadilha”.

“Então o gato disse: ‘Você está comendo sua última refeição, meu amigo’.”

“Sim”, respondeu o rato, “tenho apenas uma vida e, assim, também somente uma morte. E quanto a você? Dizem que tem nove vidas. Isto não quer dizer que tem de morrer nove vezes?”.

Em seguida, o camponês olhou para o poeta e disse: “Não é uma história curiosa?”.



E o poeta não lhe respondeu, mas afastou-se dizendo para si mesmo: “Certamente, nove vidas tenho eu, nove vidas, certamente. E morrerei nove vezes, nove vezes morrerei. Quem sabe fosse melhor ter uma só vida, presa numa armadilha - uma vida de camponês, com um pedaço de queijo como última refeição. E, apesar de tudo, não somos parentes dos leões do deserto e da selva?”.

A MALDIÇÃO

Uma vez, um velho marinheiro me falou: “Há trinta anos um marinheiro fugiu com minha filha. E os amaldiçei com toda a fúria de meu coração, pois minha filha era o que eu mais amava no mundo.

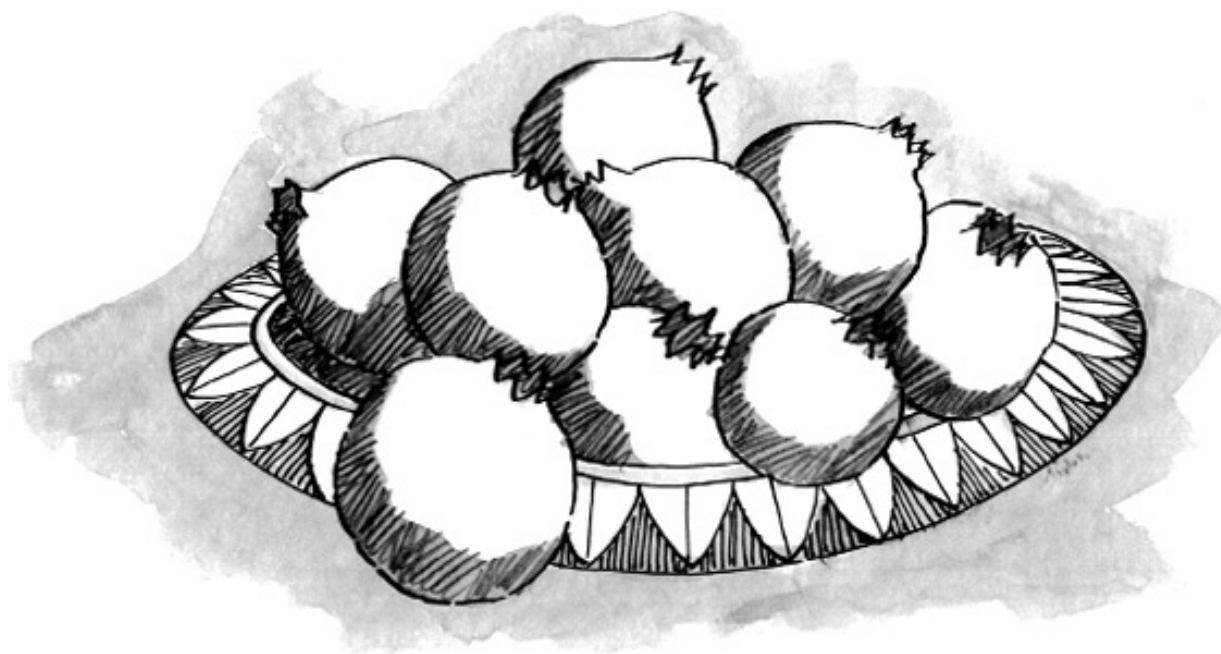
Não se passou muito tempo, o jovem marujo naufragou com seu navio e eu perdi minha encantadora filha para o fundo do mar.

Por essa razão, olhe para mim, o assassino de um jovem e de uma moça. Foi minha maldição que os matou. E agora, em meu caminho para o túmulo, procuro o perdão de Deus.”

Assim falou o velho. Mas havia um tom de arrogância em suas palavras, e ele parecia orgulhoso do poder de sua maldição.

AS ROMÃS

Havia um homem que tinha várias romãzeiras em seu pomar. E durante muitos outonos, colocava suas romãs em bandejas de prata do lado de fora de sua casa, e em cima das bandejas punha cartazes onde havia escrito: “Pegue uma, é de graça. Fique à vontade”.



Mas as pessoas passavam direto, e não apanhavam nenhuma fruta.

Então o homem parou para pensar.

No outono seguinte, não pôs romãs em bandejas de prata fora de sua residência, mas sim um cartaz com letras garrafais: “Temos aqui as melhores romãs da terra que, por isso, custam mais do que outras romãs”. E agora, vejam, todos os homens e mulheres das vizinhanças vêm correndo comprá-las.

DEUSES

Na cidade de Kilafis, um sofista colocou-se nos degraus do Templo e pregou a existência de muitos deuses. E o povo disse em seu coração: “Já sabemos de tudo isso. Não vivem esses deuses conosco e nos seguem aonde quer que vamos?”.

Não se passou muito tempo, outro homem postou-se na praça do mercado, e falou ao povo, afirmando: “Não há nenhum deus”. E muitos de seus ouvintes ficaram contentes com suas notícias, pois tinham medo dos deuses.

Em seguida, veio um homem de grande elo-quência, e disse: “Há apenas um só Deus”. Então, o povo ficou aterrorizado porque, em seus corações, temiam o julgamento de um Deus mais do que o de muitos deuses.

Na mesma estação, veio ainda outro homem, e disse ao povo: “Existem três deuses, e moram no vento como um, e têm uma mãe enorme e benévola, que é também sua companheira e sua irmã”.

Assim, todos ficaram aliviados, porque disseram sem segredo: “Três deuses em um devem discordar acerca de nossas

faltas, e, além disso, sua benévola mãe certamente advogará por nós, pobres e frágeis que somos”.

Entretanto, até mesmo nos dias de hoje, há na cidade de Kilafis os que disputam e discutem uns com os outros sobre muitos deuses e nenhum deus, e um deus e três deuses em um, e uma mãe benévola de deuses.

AQUELA QUE ERA SURDA

Havia, em certa época, um homem rico casado com uma jovem que era um tanto surda.

Numa manhã, enquanto tomavam café, ela lhe disse: “Ontem visitei a praça do mercado, e ali se encontravam expostas roupas de seda de Damasco, chapéus da Índia, colares da Pérsia e braceletes do Yamman. Parece que as caravanas tinham acabado de trazer aquelas coisas à nossa cidade. E agora olhe para mim, vestindo trapos apesar de ser a esposa de um homem rico. Gostaria de ter algumas delas”.

O marido, ainda tomando o café, lhe disse: “Minha querida, não há razão pela qual não possa ir à rua e comprar tudo o que desejar”.

E a esposa surda disse: “Não, você sempre diz ‘Não! Não!’”. Devo aparecer em trapos diante de nossos amigos, para envergonhar sua fortuna e minha gente?”.



Então, o marido respondeu: “Eu não disse ‘Não’. Sinta-se à vontade para ir à praça do mercado e comprar o mais belo vestido e as joias que chegaram à nossa cidade”.

Porém, sua mulher novamente não entendeu suas palavras e retrucou:

“Entre os homens ricos, você é o mais miserável. Nega-me tudo de bonito e agradável, enquanto as outras mulheres da minha idade passeiam nos jardins da cidade vestidas com as roupas mais luxuosas”.

Começou a chorar, e enquanto as lágrimas lhe caíam no peito gritou mais uma vez: “Sempre me diz ‘Não, não!’ quando desejo um vestido ou uma joia”.

Então o marido ficou comovido, levantou-se e tirou de sua bolsa um punhado de ouro e colocou-o diante dela, dizendo numa voz bondosa: “Vai ao mercado, minha querida, e compre tudo o que quiser”.

Desse dia em diante, a jovem esposa surda, sempre que desejava alguma coisa, aparecia diante do marido com uma pérola de lágrima nos olhos, e ele em silêncio tomava um punhado de ouro e o colocava nas mãos dela.

Aconteceu, porém, de a jovem mulher se apaixonar por um jovem que fazia longas viagens. E, sempre que ele estava fora, ela ia sentar-se à janela e chorava.

Quando o marido a encontrava chorando, dizia para si mesmo: “Deve haver alguma nova caravana, trazendo roupas de seda e joias raras”.

E tomava um punhado de ouro e colocava-o diante dela.

A PROCURA

Há mil anos, dois filósofos encontraram-se numa colina do Líbano, e um perguntou ao outro: “Para onde vai?”.

E o outro respondeu: “Estou à procura da Fonte da Juventude, que sei nascer entre estes montes. Encontrei escritos que falam dessa fonte que jorra para o sol. E você, que está procurando?”.

O primeiro homem respondeu: “Estou em busca do mistério da morte”.

Então, cada um dos dois filósofos achou que o outro estava em falta com sua grande ciência, e iniciaram uma discussão, acusando-se mutuamente de cegueira espiritual.

Contudo, no momento em que os dois filósofos estavam brigando, um forasteiro, homem considerado simplório em sua própria aldeia, passou por ali, e, quando percebeu o desentendimento entre os dois, parou um instante e ouviu seus argumentos.

Em seguida, aproximou-se deles e falou: “Meus bons homens, parece que vocês realmente pertencem à mesma escola de Filosofia, e que estão falando da mesma coisa, só que empregam

palavras diferentes. Um de vocês procura a Fonte da Juventude, o outro procura o mistério da morte. Mas, se considerarem bem, ambas as coisas são apenas uma, e, como uma coisa só, está em vocês dois”.

Depois, o forasteiro afastou-se, dizendo: “Adeus, sábios”.

E foi embora rindo, com um sorriso de compreensão.

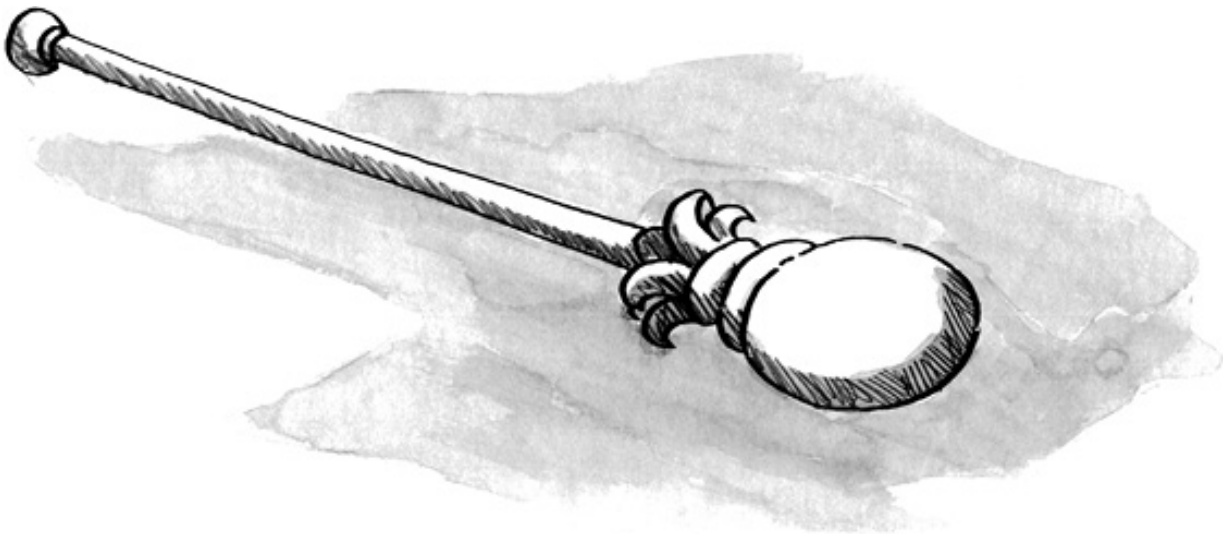
Os dois filósofos olharam-se em silêncio durante um instante e depois riram também. E um deles falou: “Agora, vamos juntos nessa busca?”.

O CETRO

Disse um Rei à sua esposa: “A senhora não é uma autêntica Rainha. É muito vulgar e sem graça para estar ao meu lado.”

E a mulher retrucou: “Senhor, considera-se um Rei, mas não passa de um embuste”.

Essas palavras enraivecaram o monarca, que tomou nas mãos seu cetro e bateu com ele na cabeça da Rainha.



Naquele preciso instante, estava entrando o Lorde Camarista, que não hesitou em dizer: “Sua Majestade, Sua Majestade! Esse cetro foi feito pelo maior artista desta terra. Ah, algum dia, Sua Majestade e a Rainha serão esquecidos, mas este cetro será preservado, de geração em geração. Será ainda mais apreciado e lembrado agora que tirou sangue da cabeça da Rainha”.

O CAMINHO

Entre as colinas, uma mulher vivia com seu único filho varão, seu primogênito. Um dia, porém, o menino morreu de uma febre, mesmo sendo assistido por um médico.



Tomada pela consternação e desespero, a mãe gritou para o médico, suplicando-lhe: “Diga-me, diga-me, o que fez paralisar sua agitação e calar sua voz para sempre?”.

“Foi uma febre”, respondeu o médico.

“Por que esta febre?”, quis saber a mãe.

“Não sei como explicar”, disse o médico. “Foi causada por uma coisa infinitamente pequena que entrou no corpo. O fato é que não podemos ver essa coisa com nossos limitados olhos humanos.”

Em seguida, o médico foi embora. E ela ficou repetindo para si mesma: “Uma coisa infinitamente pequena; não podemos vê-la com nossos limitados olhos humanos”.

Mais à noite, o padre veio confortá-la. E ela, novamente, chorou e gritou, indagando: “Ah, por que perdi meu único filho, meu primogênito?”.

O padre respondeu: “Minha filha, foi a vontade de Deus.”

“Deus? Quem é Deus, e onde está Deus agora?”, exasperou-se a mulher. “Gostaria de ver Deus para cortar meu peito e derramar a Seus pés o sangue de meu coração. Diga-me, onde posso encontrá-Lo?”.

“Deus é infinitamente grande”, disse o padre. “Não pode ser visto com nossos limitados olhos humanos”.

Ao ouvir isso, a mulher gritou: “O infinitamente pequeno matou meu filho pela vontade do infinitamente grande! Então, o que valem nós?”.

Aconteceu de, naquele momento, estar entrando no quarto a mãe da mulher trazendo a mortalha do neto. Ao ouvir as palavras do padre e o grito da filha, ela abandonou a mortalha no chão, segurou a mão da outra e disse: “Minha filha, nós próprios somos o infinitamente pequeno e o infinitamente grande: somos o caminho entre ambos”.

NA DILIGÊNCIA

Certa noite, um homem e uma mulher, que já se conheciam, encontraram-se numa diligência.

O homem, que era poeta, sentou-se ao lado dela e buscou entretê-la com histórias, algumas das quais eram de sua própria autoria. Porém, enquanto estava narrando uma delas, a mulher cochilou.



Então, de repente, a diligência deu uma guinada brusca. Ela acordou e disse: “Gostei muito da sua interpretação da história de Jonas e a baleia”.

“Mas Senhora”, admirou-se o poeta, “eu lhe estava contando uma das minhas histórias, aquela sobre o comportamento de uma borboleta e uma rosa branca quando se encontram.”

PAZ CONTAGIANTE

Um galho que floria disse ao que estava ao seu lado: “Hoje está um dia estúpido e vazio”. O outro concordou: “É verdade, estúpido e vazio”.

Logo em seguida, dois pardais pousaram cada um nos diferentes galhos.

Um deles gritou para o outro: “Minha companheira me abandonou”. Ao que o outro respondeu: “A minha também foi embora e não voltará mais. Quero que se dane!”. Na sequência, um começou a censurar a atitude do outro e, logo, estavam brigando e fazendo um ruído de gorjeios frenéticos nada agradáveis de se ouvir.

De repente, dois outros pardais pousaram sossegadamente ao lado dos dois agitados. E houve, então, muita calma. Após algum tempo, os quatro foram embora voando em paz.

O primeiro galho disse então para o segundo: “Foi uma barulheira danada”. O outro disse: “Pode chamar do que quiser, mas o bom é que agora tudo está sossegado. E se o céu está tranquilo, parece--me que os que moram na parte de baixo

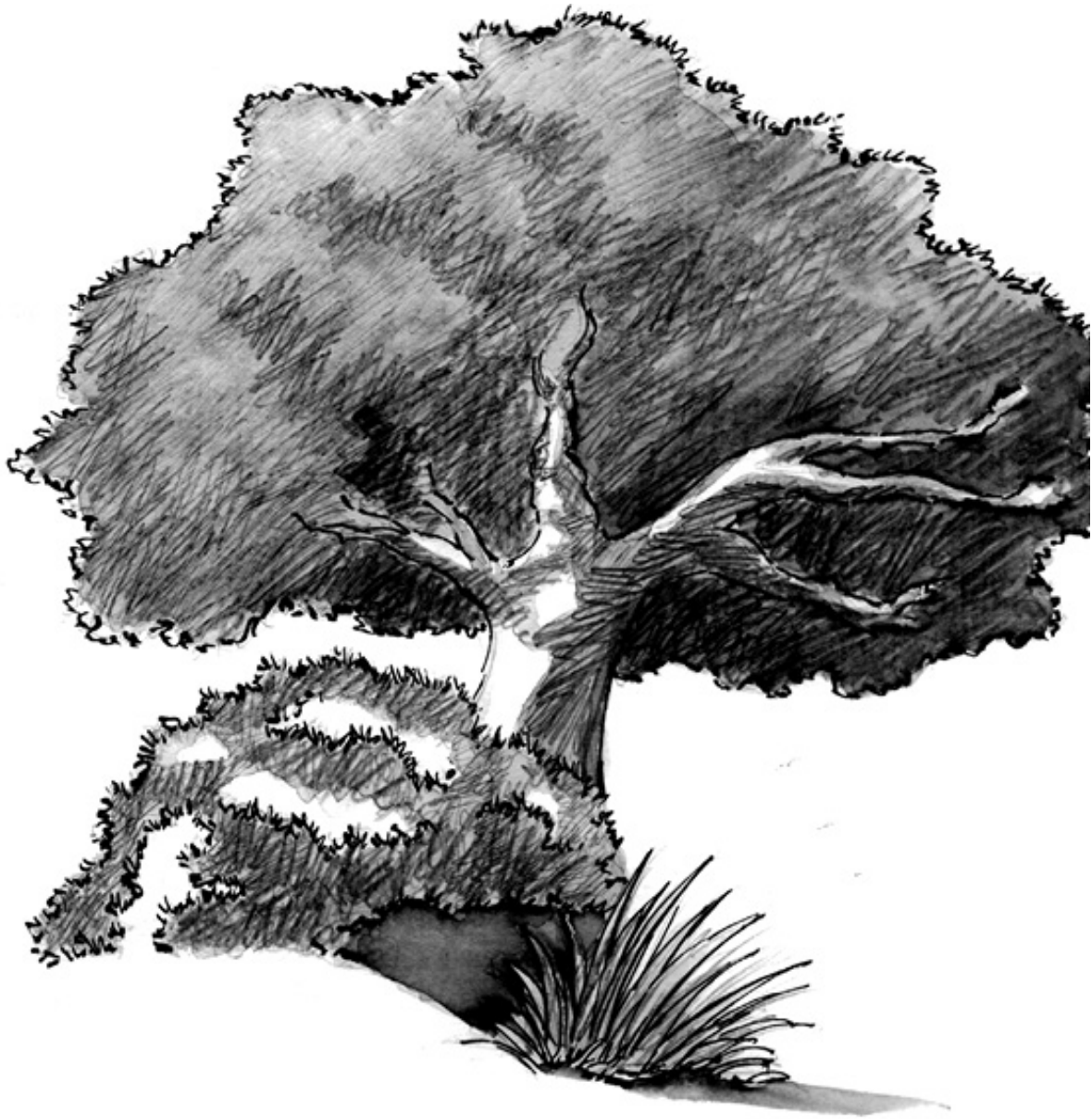
devem também fazer reinar a paz. Não quer balançar-se um pouco ao vento para chegar mais perto de mim?”

E o primeiro galho falou: “Sim, em nome da paz e antes que a primavera se vá”.

E balançou-se com o forte vento para abraçar o outro.

A SOMBRA

Num dia de junho, o mato rasteiro disse à sombra de um olmeiro: “Você se move constantemente para a direita e para a esquerda, e isso perturba a minha tranquilidade”.



“Não sou eu, não”, respondeu a sombra. “Olhe para cima: há uma árvore que se move para leste e para oeste, entre o sol e a terra”.

O mato, então, olhou para cima e, pela primeira vez percebeu a árvore. E disse para si mesmo: “Vejam só, há um mato bem maior do que eu”. E ficou em silêncio.

SETENTA

Disse o jovem Poeta à Princesa: “Amo você”. E a Princesa respondeu: “Também o amo, meu filho.”

“Mas eu não sou seu filho”, disse o jovem. “Sou um homem, e amo você”.



Ela continuou: “Sou a mãe de filhos e filhas, e eles, por sua vez, são pais e mães de filhos e filhas. E um dos filhos de meus filhos é mais velho do que você”.

E o jovem Poeta replicou: “Mesmo assim, amo você”.

Pouco tempo depois, a Princesa morreu. Porém, antes de seu último suspiro ser recebido pelo suspiro maior da terra, ela disse,

do fundo de seu coração: “Meu amado, meu único filho, meu jovem poeta, pode ser que um dia nos encontremos de novo. Será que terei então setenta anos?”.

NA COMPANHIA DE DEUS

Dois homens caminhavam num vale, quando um deles indicou o lado da montanha, dizendo: “Pode ver aquele retiro? Vive ali um homem que há tempos se apartou do mundo. Está tão somente à procura de Deus, mais nada.”

O outro redarguiu: “Não poderá encontrar Deus enquanto permanecer isolado em seu retiro. Ele precisa voltar ao nosso mundo para dividir com todos a alegria e a dor, dançar nas festas de bodas e chorar em torno dos caixões de nossos mortos”.



Em seu íntimo, o primeiro homem concordou com o que o outro disse, não obstante tenha respondido: “Creio que está certo o que você acabou de dizer, mas também acho que o eremita é um homem bom. Afinal, não pode ser justo e correto que um bom homem seja mais útil em sua ausência do que muitos outros com uma generosidade apenas fingida?”.

O RIO

No vale de Kadicha, onde corre o poderoso rio, duas pequenas correntes d'água se encontraram. Uma delas perguntou: “Como foi o seu caminho até aqui, irmãzinha?”.

“Muito acidentado”, respondeu a outra. “A roda do moinho estava quebrada e o capataz da fazenda, que costumava abrir sulcos e me conduzir para as plantações, acabou morrendo. Pelejei caminho abaixo, enlameando-me com a sujeira dos que nada fazem a não ser ficar sentados e cozinhar sua preguiça ao sol. Mas e o seu caminho, como foi, minha irmã?”

“O meu foi diferente. Desci das colinas entre flores aromáticas e pequenos salgueiros. Homens e mulheres beberam-me em taças de prata e crianças chapinhavam seus pezinhos em minhas margens; havia alegria ao meu redor e doces canções. Sinto muito que seu caminho não tenha sido tão feliz!”.

Neste momento a conversa delas foi interrompida por uma voz tonitruante: “Venham, venham, estamos chegando ao mar. Apressem-se e não falem mais. Fiquem agora comigo, estamos

indo para o mar. Venham, esqueçam suas peregrinações, sejam elas tristes ou alegres. E, juntos, olvidaremos todos os caminhos no exato momento em que atingirmos o coração de nossa mãe, o mar”.

DOIS CAÇADORES

Num dia de maio, a Alegria e a Tristeza encontraram-se à beira de um lago. Cumprimentaram-se e se acomodaram perto de suas águas tranquilas. E conversaram: a Alegria falou da beleza que existe na terra e das maravilhas da vida comezinha na floresta e entre as colinas, e das canções que se escutam do amanhecer ao pôr do sol.

A Tristeza assentiu com tudo o que a Alegria havia pronunciado, porque também conhecia a magia e a beleza do passar do tempo. E foi convincente quando falou de maio nos campos e entre os montes.

Assim, a Alegria e a Tristeza conversaram durante muito tempo, e estiveram de acordo em todas as coisas que abordaram.

Dois caçadores passavam pelo outro lado do lago e, enquanto olhavam para o lado oposto, um deles comentou: “Estou tentando imaginar quem serão aquelas duas pessoas”. E o outro replicou: “Você disse duas pessoas? Vejo apenas uma!”.

O primeiro caçador insistiu: “Mas são duas”. E o outro: “Basta olhar para o reflexo do lago para perceber que há apenas uma pessoa”.

“Mas veja”, disse o primeiro, “o reflexo nas águas também mostra duas pessoas”, e continuaram perseverando em seus pontos de vista.

E até hoje, sempre que se lembra desse fato, o segundo caçador diz que o amigo enxergou tudo em duplicidade, enquanto o outro diz: “Meu amigo é meio cego”.

O OUTRO ERRANTE

Certa feita, travei contato com outro andarilho das estradas. Era também um tanto louco e falou-me dessa forma: “Sou um errante. Muito frequentemente, sinto como se eu caminhasse numa terra de pigmeus. Como minha cabeça flutua a dezenas de metros do chão, ela cria pensamentos mais altos e mais livres. Em verdade, não caminho entre os homens, mas acima deles, e tudo o que podem ver de mim são meus rastros em seus campos abertos”.



“Muitas vezes escuto-os discutir e divergir sobre a forma e o tamanho de minhas pegadas. Há alguns que falam: ‘São pegadas de um mamute que errava pela terra nos tempos antigos’. Já outros afirmam: ‘De jeito nenhum: são marcas deixadas por meteoros vindos de estrelas longínquas’”.

“Mas, você, meu amigo, sabe muito bem que elas são apenas rastros de um errante.”

A inveja, o ciúme, o mal-entendido, as desilusões amorosas, o desencontro de opiniões – além das grandes indagações sobre os mistérios da nossa existência e espiritualidade –, são temas desta derradeira obra do mestre Kahlil Gibran, publicada postumamente.

Com o humor e a delicada melancolia, típicos do estilo do grande autor árabe, apresenta parábolas, que, seguindo a tradição das narrativas bíblicas e das fábulas exemplares, revelam sutilmente lições sobre os enigmas da vida e da morte.